

Malan não está disposto a ficar exposto

ELIO GASPARI

Lula e Ciro Gomes deveriam ir hoje ao ministro Ilmar Galvão, presidente do Superior Tribunal Eleitoral, levando-lhe um caso de terrorismo eleitoral explícito, destinado a prejudicá-los, a empulhar a choldra e a confundir a condução dos negócios do Estado com a máquina de propaganda do tuçanato.

Trata-se da declaração feita pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan, na segunda-feira, em Porto Alegre. Referindo-se ao último desdobramento da encrência financeira internacional, informou o seguinte: "Não há razão para que a crise na Rússia tenha efeitos sobre o Brasil. Há muitos torcendo para que isso aconteça. Aham que podem ter algum benefício político-eleitoral sobre isso."

Quem está torcendo? "Prefiro que cada um faça a sua interpretação sobre quem são essas pessoas."

Então a coisa funciona assim: o doutor Malan sustenta uma política de câmbio

sobrevalorizado, atrela o destino do dia seguinte ao fluxo de capitais externos e, quando emerge uma situação de risco inerente à estratégia que perfilha, acusa os adversários do Governo de estarem torcendo por um desastre.

A declaração é terrorista porque pretende atribuir à oposição uma conduta nefasta. Destina-se a prejudicar os candidatos Luís Inácio Lula da Silva e Ciro Gomes porque, sendo críticos de sua política, lança-lhes a carapuça de torcer para que ocorram malefícios econômicos e sociais, pensando em "algum benefício político-eleitoral". Empulha a choldra porque procura atribuir eventuais desgraças de sua política às críticas que a ela são feitas. Confunde a administração do Estado com as astúcias típicas das campanhas eleitorais, porque mesmo que todos os oposicionistas saiam amanhã às ruas cantando a musiquinha da campanha de FFHH, a situação continuará exatamente do mesmo tamanho.

Foi a política temerária do Governo que jogou os juros a 40% ao ano, desempre-

gou 1,5 milhão de pessoas na Grande São Paulo e derrubou o crescimento do PIB para menos de 3%. Nem os raposões da Baixada Fluminense, que acordam e dormem pensando em golpes eleitorais, tiveram algo a ver com isso.

Trata-se de uma produção de FFHH, Pedro Malan e Gustavo Franco, atual presidente do Banco Central.

Se tudo isso fosse pouco a declaração do ministro da Fazenda é também primitiva. Na sexta-feira, em Nova York, a corretora Goldman Sachs perguntou a cem investidores quais países poderiam vir a ser prejudicados pela crise russa. Deu 56,5% para o Brasil e 20% para a Ucrânia e a Argentina. Ao que se saiba, nem Lula se chama Goldman, muito menos Ciro é Sachs. A menos que o doutor Malan esteja informado de eventuais conciliábulos eleitorais da Goldman Sachs, o que a pesquisa da corretora

ra revelou foi um sentimento que, certo ou errado, é politicamente neutro.

Pelas virtudes que a população vê no real, FFHH recuperou a possibilidade de ganhar a eleição no primeiro turno. É o

jogo jogado. Ganhou, levou. O que não vale é embolsar a vitória atribuindo a possibilidade do fracasso aos adversários. Nisso, o ministro teria muito a aprender com Zagallo.

Em junho do ano passado, embevecido pelo desempenho anterior ao início da crise financeira, o doutor Malan orgulhava-se de captar rios de dinheiro e explicava: "Estamos fazendo uma aposta de que as mudanças estruturais pelas quais está passando a economia brasileira não só permitirão um aumento das exportações no futuro, como reduzirão as importações." Em julho passado Malan carregava um déficit comercial de US\$ 2,4 bi-

Foi a política
temerária do
governo que
jogou os juros
a 40% ao ano...

lhões. Esse resultado tem uma ponta de êxito, pois ficou abaixo da metade dos 5,5 bilhões do desastre dos sete primeiros meses de 1997. Infelizmente, mesmo tendo conseguido a melhor marca do ano, as exportações de julho ficaram em US\$ 5,25 bilhões, pouco acima dos resultados do ano passado.

Foi Malan quem disse que estava fazendo "uma aposta". O que aposta, não se sabe. Pela sua estocada eleitoral, parece querer o melhor negócio do mundo. Quando ganha, arrasta as fichas. Quando sente o calor da crise vindo pela porta da direita, pede uma boa média que não seja requeitada, manda vir, como Noel, o guarda-chuva do seu Osório no 34-4333 e se despede do garçom:

— Vá dizer ao seu gerente que pendure essa despesa no cabide ali em frente.

O gerente se chama Luís Inácio Lula da Silva. Quanto ao cabide, é de Ciro Gomes.

ELIO GASPARI é colunista do GLOBO.